

## EQUIDADE NO MERCADO

# Pesquisadora da UnB estuda desafios de entregadoras no DF

Dissertação de mestrado de Kethury Magalhães dos Santos examina a fundo conquistas e dificuldades de motogirls integrantes do coletivo Moto Brabas, que reúne e fortalece mulheres do setor desde 2023

» JÚLIA GIUSTI\*

Formada em ciências sociais pela Universidade de Brasília (UnB), Kethury Magalhães dos Santos, 29 anos, desenvolveu uma pesquisa com trabalhadores de plataformas digitais em 2020, durante a graduação, com o objetivo de investigar as condições de trabalho da categoria no Distrito Federal. À época, a estudante entrevistou 39 motoristas e entregadores, dos quais apenas três eram mulheres, o que a levou ao desejo de se aprofundar na realidade delas nesse meio.

Ao perceber que os questionários aplicados “não deram conta das peculiaridades femininas” e que os estudos sobre mulheres que trabalham na área eram escassos, Kethury decidiu levar a pesquisa adiante para o mestrado, por meio de pesquisa etnográfica — método centrado na observação de um grupo social. O resultado foi a dissertação *Meu capacete já viu muitas lágrimas: o trabalho feminino plattformizado a partir das experiências do coletivo Moto Brabas*, defendida em fevereiro deste ano.

“Na pesquisa de 2020, em meio à pandemia de covid-19, me chamaram muito a atenção os relatos que elas traziam a respeito do assédio sexual e da violência de gênero. Eu fiquei muito inquieta, porque pensei: ‘Como ninguém está olhando para esse problema?’ Então, decidi fazer um projeto que contemplasse só as mulheres entregadoras”, explica a pesquisadora, que pretende aprofundar o tema no doutorado.

Inicialmente, ela diz que encontrar essas mulheres foi desafiador, mas tudo mudou em 2023, quando acompanhou uma audiência pública na Câmara

Carlos Vieira/CB/DAPress



A pesquisadora acompanhou o coletivo por dois anos para desenvolver o mestrado. Agora, aprofunda-se no tema em um doutorado

Legislativa que discutiu as condições de trabalho dos entregadores no DF. Na ocasião, ela conheceu o Moto Brabas, coletivo de motoqueiras — ou motogirls, como se autodenominam — e pôde acompanhar, entre 2023 e 2024, o crescimento do grupo de WhatsApp das entregadoras, bem como as reuniões presenciais, além de fazer entrevistas com algumas delas.

Carolina Souza, 44, é uma das líderes do Moto Brabas e conta que o coletivo surgiu em 2023, por meio de uma iniciativa da Associação dos Trabalhadores por Aplicativos e Motociclistas do Distrito Federal e Entorno (Atam). A ideia era formar turmas exclusivamente

femininas no programa Anjos de Capacete do iFood, que capacita entregadores para atuar em primeiros socorros e na prevenção de acidentes. Então, Carolina, trabalhadora no ramo há cinco anos, começou a convidar mulheres entregadoras a participar do curso, o que, aliado à divulgação em redes sociais, levou à criação de um grupo no WhatsApp.

“Desde aquele dia, as meninas tomaram muito amor pelo grupo. Quando uma mulher vê outra entregando, pergunta se ela participa da comunidade e já me pede para adicioná-la. E aí, devagarzinho, a gente vai só crescendo. Começamos com apenas

20 pessoas e, hoje, temos cerca de 130 participantes”, relata.

## Desafios

Os setores de transporte e delivery são majoritariamente masculinos. Segundo a Secretaria Nacional do Trânsito (Senatran), as mulheres são apenas 6,5% dos motoristas de caminhão no Brasil. Dados do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento mostram, ainda, que elas representam somente 3% do total de trabalhadores por aplicativo, que chega a 1,6 milhão no país.

Com isso, o mercado de trabalho é discriminatório em relação

às mulheres entregadoras, somado ao racismo, etarismo e assédio. Entre os resultados da pesquisa de Kethury, ela destaca que a maior parte do Moto Brabas é composta por mulheres negras periféricas, na faixa etária de 26 a 33 anos; grau de escolaridade médio ou superior; jornadas de 70h a 90h e seis dias semanais, sendo que muitas tiveram a trajetória marcada pela informalidade, buscando, com as entregas, melhores oportunidades de trabalho e de renda durante a pandemia.

Nesse contexto, a falta de infraestrutura para higiene, discriminação racial em estabelecimentos, situações vexatórias com clientes,